

Originalmente publicado em

<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2005/jusp731/pag10.htm>

A enciclopédia das drogas e bebidas

Com mais de 150 verbetes, livro apresenta a história das substâncias – lícitas e ilícitas – que estão presentes em todas as celebrações humanas, da ceia familiar à eucaristia

IZABEL LEÃO



Os corpos humanos mumificados eram usados como remédio na Europa medieval e moderna. Havia as chamadas “múmias brancas”, mais raras, de corpos ressequidos no deserto, e as múmias negras, supostamente antigas, mas em geral preparadas especificamente para a venda, com o

embalsamento efetuado por muitas substâncias como betumes, resinas e aromas.

Essa e outras histórias sobre drogas e bebidas alcoólicas compõem o novo livro do professor Henrique Carneiro, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas*, com lançamento previsto para o dia 8 de agosto, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional, na avenida Paulista, em São Paulo. O professor ressalva que, no caso das múmias, não existe nenhuma comprovação farmacológica de qualquer efeito dessas substâncias, mas elas foram usadas durante séculos como remédios caros e preciosos. “O uso de múmias como drogas, cabe esclarecer, se trata de um placebo (medicamento inócuo que faz bem ao paciente) ou talvez, no caso, de um nocebo (medicamento que faz mal ao paciente).”



Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas traz mais de 150 verbetes que descrevem os aspectos históricos, socioeconômicos e científicos das mais variadas substâncias psicoativas, sejam elas proibidas (como a cocaína, o ópio e o ecstasy), usuais (tabaco, café, açúcar) ou exóticas (banguê, bétel, ayahuasca). O autor explica que a idéia da enciclopédia surgiu de uma carência no mercado editorial de uma obra que tenha, ao mesmo tempo, um enfoque panorâmico de substâncias de uso legal – como as bebidas alcoólicas, o tabaco e o café – e outras ilícitas. “Normalmente temos apenas uma série de histórias monográficas, por exemplo, a história do tabaco, ou então histórias ligadas à própria constituição do sistema da proibição legal.”

No livro, o autor – através de uma linguagem simples e concisa – conduz a uma instigante viagem pela história. Ele mostra como as drogas estavam relacionadas com a expansão do comércio ultramarino, que fez com que a própria palavra “droga” surja do holandês, significando seco. “Os secos e molhados, o vinho, o azeite e as especiarias foram a base da constituição do mercado mundial.”

Cura e consolo



A história das bebidas alcoólicas e das drogas remete a um âmbito pouco conhecido da história das sociedades humanas, acrescenta o professor: o da vida material, da cultura material, o que o homem come, bebe, veste, onde mora e, também, os remédios com que se cura e se consola. Carneiro explica que as drogas e os alimentos são os únicos produtos que ingerimos. “A fronteira entre eles não é claramente definida na época clássica e medieval, quando eram considerados coisas únicas. Hipócrates já dizia que devíamos fazer do alimento um remédio e do remédio um alimento.”

Um trecho do livro mostra que o álcool destilado, a aguardente, era visto como um raro e precioso remédio. Arnaud de Villeneuve, que morreu em 1313, deixou um texto chamado A conservação da juventude, em que atribui à *acqua vitae* esse prodígio, além de curar a cólica, a paralisia e o paludismo, acalmar dores de dente e preservar da peste.

Carneiro destaca que, quando chegaram no Oriente e na América, os europeus encontraram vários hábitos, relacionados à alimentação e ao consumo de drogas. Alguns deles foram assimilados e outros, perseguidos. A droga mais comum hoje no mundo, o tabaco, era uma planta de uso sagrado e medicinal entre os indígenas. “Essa droga foi assimilada devido aos seus efeitos psicofarmacológicos específicos. Outras substâncias usadas pelos indígenas, particularmente por motivos religiosos, foram perseguidas pela Igreja, acusados de idolatria.”

Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstram que o maior dano à saúde pública mundial no século 20 foi causado pelo tabaco, seguido do álcool. Carneiro destaca que o tabaco, sozinho, teria sido o maior vilão da história da humanidade, tendo matado mais do que todas as guerras, numa cifra de 5 milhões de mortos por ano, o que totalizaria meio bilhão em todo o século.

As bebidas alcoólicas também apresentam um imenso histórico de danos à saúde humana. Seu uso excessivo causa cirrose, problemas mentais e crises de violência, especialmente doméstica, além de colaborar para causar a maior parte dos acidentes de trânsito.

Caipirinha



Carneiro mostra que a “cultura das drogas” está presente em todas as formas de celebração, de festa, de convívio social. “O brinde festivo, o uso do vinho como representação de Cristo ou a refeição acompanhada por cerveja ou caipirinha são expressões da importância sociocultural dos múltiplos usos das bebidas fermentadas ou destiladas.”

Para Carneiro, a história moderna é o ponto em que as culturas de todo o planeta se intercambiam e se constituem como uma unidade planetária pela primeira vez. “Na história moderna temos uma correlação entre processos econômicos e culturais. Neste livro, o que me interessou mostrar foi o significado das drogas na constituição não só de um mercado de trocas, que foi a base da época das navegações, mas as representações que surgem em torno das substâncias”, afirma o professor. “Por exemplo, o tabaco, que era uma substância indígena, foi assimilado pela Igreja Católica como uma planta tão útil para as finalidades do cristianismo que é utilizada inclusive antes do jejum eclesiástico, muito usado pelos jesuítas, devido ao efeito estimulante da vigília. Pela mesma razão, o café vai ter grande importância no islamismo.” Carneiro prepara o lançamento de outro livro sobre o tema, *Álcool e drogas na história do Brasil*, organizado por ele e Renato Pinto Venâncio. Trata-se de uma coletânea de 12 autores que participaram de simpósio com o mesmo título, ocorrido na Universidade Federal de Ouro Preto.



Cerveja vem do latim cerevisia

A seguir, algumas informações extraídas da Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas, de Henrique Carneiro.



Cerveja – As mais antigas cervejas talvez provenham da África. No Egito antigo produziram-se fermentados de cevada (zythum) e de sorgo (hacq) e, nas regiões mais meridionais da bacia do Nilo, conheceu-se a cerveja de painço (pombé). O termo cerveja vem do latim cerevisia (cera, grão; vise, força), enquanto o termo germânico bier vem do antigo saxão bere, significando cevada.

Vinho – A produção e o comércio marítimo em ânforas foi uma das mais importantes atividades econômicas da época antiga. O papel econômico do vinho foi enorme no mundo clássico. O comércio grego de vinho circulava em barcos que levavam centenas de milhares de litros cada um. Roma consumia diariamente quase meio litro de vinho per capita: 180 litros ao ano para uma população de cerca de 1 milhão, totalizando 180 milhões de litros anuais. Os povos germânicos, apreciadores de cerveja, também aprenderam a amar o vinho. O historiador do Império Romano Edward Gibbon chegou a afirmar que a busca de vinho foi um dos motivos que levaram os bárbaros a invadir a Europa.

Cachaça – As bebidas de cana-de-açúcar, planta originária do sudeste asiático, inicialmente eram apenas caldos de cana, garapas, fermentados ou não. Na Índia, aprendeu-se a cristalizar o seu sumo, que tomou o nome sânscrito de sarkara, de onde derivaram todas as denominações indo-europeias para açúcar. Na África faziam-se “vinhos de cana”, como o tembo da etnia bantu. O termo português cachaça servia para denominar a espuma do caldo de cana, em geral usada para alimentação de animais.

Cânhamo – O nome científico do cânhamo, *Cannabis sativa* (a popular maconha), foi proposto por Lineu, em 1753, a partir da antiga denominação de origem indiana. O cânhamo talvez seja, de todas as plantas já domesticadas pela humanidade, a mais útil e diversificada pelos seus múltiplos usos. Além do seu poder psicoativo, possui importância nutricional, medicinal e industrial como alimento, remédio, fibra, papel e óleo combustível, além de valores religiosos em sacramentos e práticas rituais.

ISRS – Sob vários nomes comerciais, o mais conhecido sendo o Prozac, os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS) foram lançados no mercado em 1987, nos Estados Unidos, com imenso sucesso de vendas, tornando-se quase um emblema da década de 1990. Trouxe resultados positivos em pessoas deprimidas e representou uma espécie de “pílula da felicidade” legal, mais ou menos inócua, de efeito a médio e longo prazos e facilmente acessível para uma população submetida a diversos motivos de estresse e depressão.